OCTÓGONO
Cadernos de polissemia artística
Número avulso (7)
24 de Dezembro de 2024
ISSN: 2976-0402
Autoria e edição: Paulo Martins Oliveira
https://octogono-cpa.blogspot.com/

Vasco da Gama e o Nó do Mundo

Paulo Martins Oliveira

Desde cedo que a chamada Literatura dos Descobrimentos demonstrou a exacta percepção do impacto transformador do empreendimento ultramarino português, nomeadamente aos níveis da Cultura e das Mentalidades, abrindo novos caminhos para a Idade Moderna.

Neste contexto, surgindo depois com um intuito já regenerador e anti-decadentista, os *Lusíadas* iriam reinventar poeticamente muitas das fontes produzidas ao longo daquele século XVI.

O protagonista de referência era Vasco da Gama, símbolo do navegante que, superando os lendários Eneias e Ulisses, se aventurara nos mares distantes para liderar "a gente que busca outro Hemisfério", i.e. os Portugueses que vindos do Ocidente procuravam "as terras do Oriente" (*Lus*. I:38, 50; V:86).

Mais do que a rota entre Portugal e a Índia das especiarias, exaltava-se a redefinição do Mundo num globo com linhas de rumo intercomunicantes, as quais passavam a unir, pelos ventos e estrelas, "as várias partes que os Mares insanos dividem" (*Lus.* X:91).

Era o conceito manuelino de *nó*, ou seja a ligação entre o Nascente e o Poente, como se pode observar por exemplo na Janela de Tomar ou na Torre de Belém. Este papel de centralidade e mediação irá manter-se pelos séculos, como o demonstra o Coche dos Oceanos de D. João V, ou mesmo a estátua equestre de D. José I, em cuja base um cavalo e um elefante simbolizam a universalidade cosmopolita do país e de uma cidade por onde passava o Meridiano de referência que separava (e unia) as duas metades do planeta[1].

Vasco da Gama fora ele mesmo um "Venturoso", cabendo-lhe selar um metódico e bem estruturado projecto de expansão ultramarina, que permitiu chegar de modo consciente e competente à "verdadeira Índia", como Camões ironicamente não deixou de referir (*Lus.* VI:93).

1 Neste caso, o "nó" é interpretado verdadeiramente pelo medalhão do Marquês de Pombal.

Contudo, para o fazer, Gama teve de "atar" o nó e ligar efectivamente o Atlântico ao Índico – o Ocidente ao Oriente – e aí reside um mérito capital: para lá do Cabo da Boa Esperança, contornar o sul de África e vencer os mares nunca dantes navegados do Canal de Moçambique – um outro "Cabo Bojador", física e mentalmente inultrapassável para os pilotos daquele lado do Mundo.

As naus dos lusíadas fizeram-no no período natalício, e quando, depois de alcançada a Índia, regressaram em 1498, D. Manuel mandou que essa união oceânica ficasse alegorizada na ampliação que se preparava da pequena ermida henriquina do Restelo, que seria reformulada num mosteiro entregue aos contemplativos Jerónimos.

Assim, em Dia de Reis seria colocada a primeira pedra de Santa Maria de Belém, unindo a natalícia Encarnação de Jesus aos conceitos de Boa Esperança e de ecumenismo ou unidade mundial, simbolizada na convergência dos reis (≈ Magos) sob a suserania do cristológico monarca-imperador dos Oceanos.

Este é um dos significados da polissémica Custódia de Belém (pela iconografia e pela própria matéria de tributo com que foi moldada), mas também por outra peça que carece de precisão quanto ao significado e cronologia.

Trata-se da tapeçaria da Chegada à Índia (prop.CGD), cujo plano artístico obedece a princípios dinâmicos observados noutras obras da época. Assim, figura do rei é em si mesma um "nó", sobrepondo personagens expressivos da irmanação com os soberanos orientais, sob a égide superior de D. Manuel.

Em primeiro lugar ilustra-se de facto a chegada a Calecute e a apresentação de credenciais ao grande "Samorim", literalmente "Senhor do Mar", e cuja dignidade na região – explicava Damião de Góis – era "quomo entre nós demperador"[2].

Todavia, representa-se também, de modo simbólico, o embarque na Índia e desembarque em Lisboa do famoso unicórnio/rinoceronte, oferecido em 1514 pelo soberano de Cambaia[3]. Por seu turno, e constituindo o unicórnio um tradicional emblema de Cristo, a mesma imagem é interpretável como o envio da acção missionária cristã para a Índia do apóstolo S. Tomé, que alegoricamente aí recebe este apoio devoto.

Com muita probabilidade, a cena representará ainda o acordo de instalação da praça-forte em Calecute, celebrado em 1513 e que desimpediu a conturbada relação inicial com os Portugueses, fazendo aliar o Samorim do Oriente ao do Ocidente[4].

Não obstante o poderio dos canhões lusos, a tapeçaria exalta a Diplomacia enquanto factor vital para o estabelecimento naquelas paragens exóticas, i.e. o "vínculo" ou "nó" da Amizade, como seria enfatizado por Luís de Camões, justamente a propósito da chegada de Vasco da Gama a Calecute (*Lus.* VII:60,62-64).

---

2 Damião de Góis, *Chrónica del-Rei D. Manuel I*, vol.II, cap.XLII, Bibliotheca de Clássicos Portugueses Lisboa, 1909, p.5.

3 Na tapeçaria existe pois também uma sobreposição entre Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque (quem remeteu o rinoceronte para Lisboa).

4 A representação de figuras europeias ao modo oriental celebrava quer o triunfo militar, quer o acordo diplomático, assim devendo ser interpretada a posterior tapeçaria do Descerco de Diu (dep.Viena), alegorizando a figura de D. João de Castro.

A aliança global dos potentados era uma consequência da junção dos Oceanos, e era aqui que Portugal fundava a sua força e prestígio. Vasco da Gama ficaria como o símbolo da união entre os hemisférios do Ocidente e do Oriente, constituindo de um saber-fazer em breve ainda ampliado por Fernão de Magalhães.

Deste modo, rematando o Poema Camoniano, as últimas páginas do Canto X são dedicadas a exaltar o conceito de "nó", levando-se uma corda literária para Oriente, até ao limiar do Pacífico, e depois regressando ao Ocidente, levou-se então uma outra corda para lá das Américas, através de Magalhães, Português de nacionalidade e "no feito" (X:140). Nos confins do Mundo atou-se o nó dessas cordas que, para Oriente e Ocidente, tinham partido e amarravam na Terra dos Nautas e no Meridiano Terra.

Magalhães e D. Manuel faleciam em 1521. Nas vésperas de Natal de 1524 observava-se o eclipse da Idade de Ouro Portuguesa.